



VELHICE

(Cliché de Marques Abreu)

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno, 2\$400.

Semestre, 1\$200. Trimestre, 600 rs.
Na cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador
acresce o importe das despesas.

Extranjeiro — Um anno, 3\$000.

Numero avulso, 60 reis

Numero 149

Braga, 6 de maio de 1916

Anno III

Ornamentos da Casa Estrella

Officinas d'Escultura e Talha Religiosa, em madeira, marfim e massa

Fundada em 1874



Põem
o nosso
catalogo
illustrado
com 143
gravuras,
que se
enviam
gratis.

— **PORTO** —

Rua do Bomjardim,

— 85 a 89 —

Rua de Santo Antonio

— 59 a 63 —



**Aos nossos
trabalhos
foram
concedidos
os mais
altos pre-
mios nas
Exposi-
ções In-
dustriaes
Portugue-
zas de 1887
e 1897.**

— **GUARDA** —

Representante
depositario
CASA SUCENA
Rua Helder Salgado



[Specimen d'uma escultura em madeira executada nas nossas officinas

Deposito de imagens, oratorios, castiças, jarras, ramos, custodias, relicarios, calice pexides, galhetas, caixas para hostias, campainhas, carilhões de campainhas, turibulos e navetas, cruces processionaes, cirios, lanternas, estantes para missaes, livros de missa, lampadas, lustres e todos os mais aprestes do Culto Divino.

**A CASA ESTRELLA é a fornecedora das principaes casas con-
generes no estrangeiro, e a que mais Igrejas fornece no Con-
tinento, Ilhas, Brazil, etc . . .**



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR E ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 6 de maio de 1916

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 149—Anno III



CARDEAL GOTTI

(Phot. do Cav. G. Felici)



O regresso

ACABO de lêr a defeza do celibato ecclesiastico feita por Lavedan n'uma das brilhantissimas chronicas da *Illustration Française*. Com todo o revestimento litterario que em lances agudos o auctor lhe sabe dar, essa defeza *marca* nas paginas da grande revista franceza, mais ainda, nos meios intellectuaes da grande nação latina. Ha uns dois annos Pascal, um dos mais notaveis pensadores da *Action Française* ao examinar o estado de desprevenção e inconsciencia em que se achava a sua patria perante o perigo da guerra, antevista já como inevitavel, reclamava que mais e mais recrudescesse a campanha em prol das tradições porque ellas resumiam todo um thesoiro de energias capazes de salvar ainda a nação a desagregar-se e a corromper-se. E dizia Pascal synthetizando:—*A' l'heure du péril, il faudra revenir en arrière ou mourir*. A chronica de Lavedan é uma etapa individual d'essa *volta para traz*, d'esse regresso. E coisa singular! na defeza do celibato feita por Lavedan não ha de novo senão a fôrma: os argumentos são os mesmos, é o mesmo o methodo critico. A penna de Castilho escreveu em portuguez, no portuguez exuberante e riquissimo de Castilho, aquillo mesmo que a *Illustration* vem de publicar assignado pelo mais eminente dos seus colaboradores. No livro de Pedro Diniz sobre as Ordens religiosas lá está tambem a defeza do celibato tal como a fez Lavedan. Creio que, ao traduzirem a prosa do escriptor estrangeiro, os jornaes não recordaram a dos nossos illustres compatriotas—talvez por este habito doentio que ha perto de um seculo vêm sentindo os portuguezes, de reputar a sua terra uma *pio-lheira* e commentar o que é nosso com a estúpida phrase: *tudo pifio*... Lembro eu, porém, o que escreveram os dois portuguezes, não só por uma amiga recordação patriótica, senão tambem porque n'esta comparação se comprova que a verdade é só uma, e que vista ou descoberta das mais oppostas regiões e pelos mais originaes espiritos, sempre esplende uma e identica, como o sol em triumpho maravilhoso atravez os finos dilúculos das alvoradas! Ha dias de cerração que empana a sua luz: ha épocas de tal tormenta, na historia, que o erro sahe da verdade victorioso. Ha dias illuminaes, cheios de oiro e de vida pelo sol: ha momentos na existencia dos povos em que a verdade fulgura! Mas porque a dôr faz reflectir e curvar a fronte humana e a alegria a empallidece de delirio, fazendo com que o ser creado não

se lembre que essa mesma alegria é ainda um dom de Deus—são aquelles *momentos de verdade*, os momentos do sacrificio! E' o estalido da taça capitosa ao quebrar-se a caminho dos labios sequiosos, que muitas vezes, com o disabor que provoca áquelle que a empunhava, o vem accordar da degradação esthesiante das lúbricas orgias.

E' a dôr que nos arranca uma lagrima, o primeiro rebate, muitas vezes, do errado caminho que seguimos. E' o fallir da mais alta illusão que muitas, tantas vezes nos chama, em edades moças, ás licções da vida experimental. Foi a prece de sua mãe moribunda que guiou para a luz o olhar de Gomes Leal. Foi o grito lancinantissimo de Jesus, sobre a montanha, que retiniu, gelando de pavor os cynicos convivas, no festim de Tiberio!...

E agora na França que apupava, que apodava de beaterio a massa do clero, na França que era presa d'um radicalismo tão demolidor como selvagem, — é o sacrificio sangrento do Padre que destrôe por uma vez a miseria dos renegados que tombaram da pureza do espirito para os tantállicos tormentos da carne; que calla as boccas da canalha bem vestida que chacoteava dos incontaminados e afirava aos punhados, ás humildes batinas que passavam, a lama dos prostibulos em que patinhava e rebolsava; e que põe em todos os espiritos reflectidos esta pergunta fulminadora de verdade: seriam possiveis o desapêgo da vida, a immolação do corpo, feitos com o amor, os sacrificios, a que o mundo não dá uma só esperanza de recompensa, levados a cabo, servidos até ás ultimas gottas, por esses Padres-Heroes que morrem ou fazem o bem, pelo Deus da França renascente, se algum laço terreno os prendesse ainda ás coisas da vida, fossem ellas os loucos prazeres da paz dos sybaritas, fossem ellas os entes mais amados?...

Ah! quem respondesse *sim* a esta pergunta, vaguearia por certo perdido pela demencia, ou pedaria como um réprobo ferido por Deus com a cegueira!

Que bello e grande livro aquelle que amanhã ha de guardar todas as glorias da Igreja n'esta guerra cyclopica e medonha, que bello e grande livro aquelle em que amanhã hão-de as crencas de hoje lêr as victorias da fé em pleno cataclismo!

Um poeta consagrado que acaba de publicar os seus versos (João Saraiva, *Lyricas e Sátyras*) descreveu assim, n'uma sombria evocação, todo o horror da lucta feroz do *lobo-humano*:

Trava-se a lucta, braço a braço
E não ha trégua nem perdão!
O sangue espirra a cada passo,
E os corvos cruzam todo o espaço
E o fogo lambe a escuridão . . .

N'uma alcafeia, foragidos
Os lobos olham com pavor:
—E' o lobo-humano! . . .—E commovidos,
Vão para as furnas escondidos
Lamber os filhos com amor . . .

A guerra é feroz, a guerra é barbara. Mas da massa confusa da hecatombe cresce hoje, como um lirio branco, a dar á tragedia um sentido espiritual e excelso, o vulto do padre que, com o seu sangue e o seu amor, levanta sobre a metralha a hostia dos sacrificios que não esquecem . . .

F. V.

VIDA INTENSA

POR J. DE FARIA MACHADO.

Culto do Ideal

B assim mesmo, como muito pomposamente denomina o seu livro recente, um obscuro jornalista francez, que o "*Matin*", com parcialissima teimosia, pretende guindar ás alturas do genio. Lidas, relidas, as duzentas paginas da brochura, o leitor perguntará intrigado pelo ideal do pseudo philosopho e pelo apregoado culto do referido ideal. E' que o livro, mau grado a admiração do chronista parisiense, não tem uma só ideia e muito menos um ideal. O auctor deve ser um azedo, um escorraçado da fortuna, um d'estes seres atrabiliarios, odientos, para quem a vida foi sempre uma severa madrastra.

Nunca viu satisfeita uma ambição, nunca logrou saciar um capricho, lisongear um devaneio, comprazer com um desejo mais ou menos ancioso.

N'este scenario hostil, respirando esta aggressiva atmosphaera d'odios, de rivalidades, de despeitos, a sua alma só aprendeu a odiar, a sua personalidade só comprehendeu o insulto. A sua philosophia é uma *blague*, mas o seu intuito é mesquinho, é vil. N'esta hora incerta da sua patria esse homem não sente vibrar uma

única corda de sentimento, não ouve latejar um unico hausto de dever. Perante a horrivel tragedia, que convulsiona a sua terra, só sabe rir, só sabe fulminar, destruir, subverter. Qual o seu ideal, qual o seu credo, a luz intima que accende o seu enthusiasmo, exalta a sua *crença* tão profunda, tão arreigada, que requer esse culto complicado, dyonísico, que a sua obra proclama?

O Riso, porque esse homem só sabe rir, com ironia, com sarcasmo, com odio, de tudo, de todos, da alegria e da dôr, do bem, do mal, da miseria, da fome, de si proprio, viu-se só, encontrou-se, extranho entre os seus, banido de todos os prazeres, privado de todos os gosos, e só quiz odiar, mas odiar covardemente, disfarçando os seus intuitos, embuçado no seu ar bonacheirão, manso, para melhor ferir. Mascou o seu odio com um sorriso e fez d'esse sorriso uma arma traiçoeira, que brandiu com ferocidade. Riu, riu, riu . . . e um dia teve a veiledade pueril de querer pensar. O humorista vestiu-se de philosopho, converteu esse riso no fulcro do seu systema e foi exhibindo as theorias arresadas, como se luzisse uma faliota extravagante.

Em Paris, todas as modas, mesmo as mais raras, tem adeptos, como todas as loucuras tem proselytos, e o nosso homem encontrou-se guindado a pensador.

O seu '*culto do ideal*', que pretende impingir como as taboas sagradas d'uma lei nova, é a apologia do riso, a apothese do egoismo. E' sarcastico, é brutal. Nada ha de santo, de veneravel, de sublime, que não mereça ser chicoteado com um sorriso. O homem, diz o tal senhor, deve rir de tudo, com desprezo, com indifferença, rir, rir, porque o riso é o unico fim, a unica expressão que satisfaz o nosso intimo espesinhado, que lisongeia a nossa inveja, a nossa ambição.

Rir, rir, . . . Estamos d'accordo. Vamos rir tambem mas já agora, não leve a mal que comecemos a rir da sua obra . . .

E' que não merece outra coisa.



O futuro desmente ordinariamente nossos calculos, quando se resolve em presente.



Sarah Bernhardt e o «Aiglou»

POR MANOEL SEMBLANO.



AO voltar de ferias do Natal, desdobrando o *Daily Mail*, vi casualmente a noticia de que M.^{me} Sarah Bernhardt se encontrava em Londres para representar *Les Cathédrales*. Assim a gloriosa artista mutilada, aos 72 annos, em plena velhice, continua serenamente a sua carreira de triumphos, começada aos 18, no alvorecer da vida.

Apresentando-se na *Comédie*, passou pelo *Gymnase*, *Porte Saint-Martin*, *Odéon*, *Ambigu*, *Vaudeville* e *Renaissance*. Ouvia os mais phreneticos applausos no *Passant*, na *Sphinx*, no *Hernani*, no *Gil Blas*, na *Fedora*, na *Tosca*, na *Jeanne d'Arc*, na *Magda*, na *Princesse Loiraine*...

A' vida de gloria, correu o mundo inteiro; quem poderá esquecer as suas *tournées* pela Russia, pelos Estados-Unidos, pela America do Sul, pela India, pela Australia... as suas noites victoriosas de Lisboa?

Ninguem como ella conheceu a idolatria das multidões e o fervoroso enthusiasmo do publico. E até os *Immortales* se curvaram perante a sua realza — reconhecendo a soberania espiritual d'aquella fragil mulher. Entre muitos outros, glorificaram-na o poeta dos *Humildes*, Coppée; Henri Lavedan, o purissimo escriptor de *Catherine*; Rostand, o feiteiceiro virtuose das rimas; Paul Hervien, o principe do theatro. Foi o vigoroso agitador de *Les tenailles* que na dedicatoria de *Théroigne de Méricourt* escreveu estas magnificas palavras:

*Au génie somptueux et tragique
de M.^{me} Sarah Bernhardt
Hommage de très reconnaissante admiration.*

Em 1900 representava-se em Paris *L'Aiglou* — drama e poema d'um lyrismo arrebatado, cujo heroe é o triste moço prisioneiro no *Castello de Schoenbrunn*, Franz, duque de Reichstadt... O inspirado auctor de *Romanesques* puzêra no *Aiglou* todo o fogo e todo o ardor da sua alma de patriota; e Sarah Bernhardt

surgiu no palco, trasmudada na figura gentilissima do principe, que em breve ia morrer de saudades da Patria.

Sobre a sua loira e fragilissima cabeça pesa um implacavel e temeroso destino. Nas suas veias azues corre o sangue imperial dos Bonapartes. E o Rei de Roma só acalenta um sonho, que é a aspiração suprema da sua vida: ser Rei da França.

*... Un père du Tyrol,
Orphelin, sans appui, dépouillé de sa terre,
Chassé par les bergers ennemis de son père,
Voudrait revoir ses bois et son ciel...
Et le champ paternel...*

*Le chambellau
Le son de ce berger qui demande assistance?
Le père, se redressant
C'est le Duc de Reichstadt, et le champ c'est la France*

Quando Sarah Bernhardt, disfarçada em pastor se levantou de repente, deixando cair a velha capa do Tyrol e appareceu n'aquella imagem scismadora do *Aiglou* — muito pallido, o uniforme branco, o fitilho côr de sangue da *Legião d'Honra* no peito — todos os espectadores se levantaram n'uma apothose delirante, que tinha alguma coisa de fé e enthusiasmo, de raiva e de loucura...

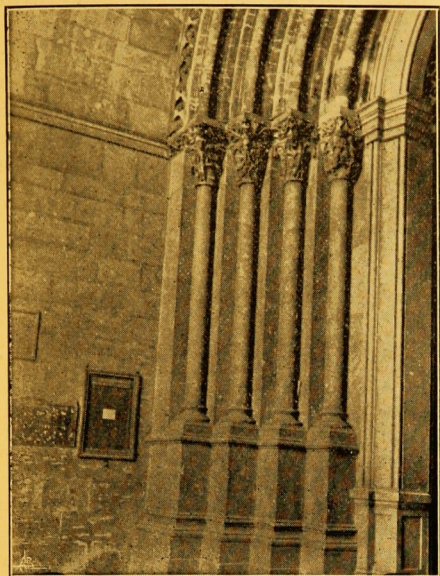
Tambem d'um effeito soberbo a épica decoraçào do quinto acto: *Campos e ceus, espigas e estrellas. Uma planicie. Uma planicie immensa. A planicie de Wagram.*

N'aquella solidão infinita, o *Aiglou* escuta a voz da morte que perpassa n'um arripio de sangue, e ouve um estertor de agonia feito de milhares de agonias, e enlouquece no murmurio confuso de todas as vozes sobrehumanas — gritos e imprecações, rufos de tambor e cargas de cavallaria...

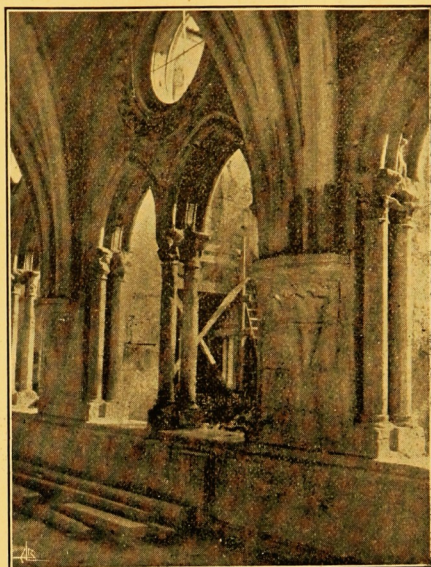
As azas do *Aiglou*, muito frouxas, quebraram-se... A ultima embriaguez de gloria, cahiu desfeita na planicie de Wagram. Só lhe resta morrer.

*Oui... j'attendrai la mort
En berçant le passé dans ce grand berceau d'or!*

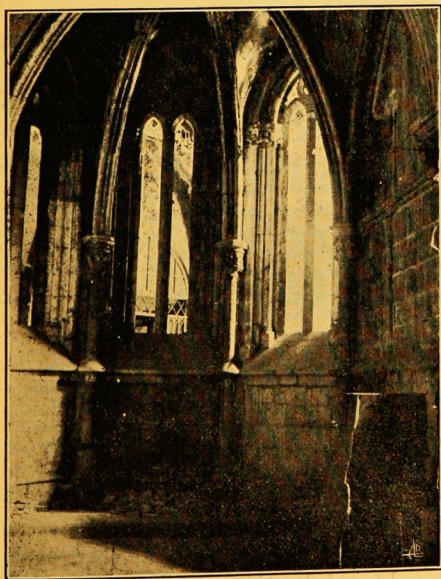
E' na sua camara sombria e sumptuosa do *Palacio de Schoenbrunn*. Acabaram-se no parque as valsas de Vienna. Apenas o sol continúa a acariciar como d'antes, no meio do arvorêdo sem folhas, a estatua da *Victoria*...



Lisboa — Sé Patriarchal. Columnatas do portico vendo-se os formosissimos capiteis que são de uma composição original.



Sé Patriarchal — Interior dos claustros



Sé Patriarchal — Efeitos de luz nos claustros

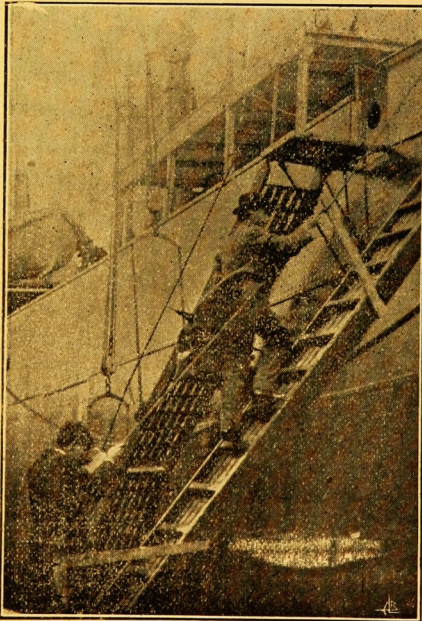


Sé Patriarchal — Fachada lateral vendo-se a interessantissima roseia

(Phot. Viriato Silva)



Exodo dos allemães—Allemães aguardando a hora do embarque



Um allemão embarcando

O exodo dos allemães

Poucos dias antes de a Allemanha nos declarar a guerra saíram de Portugal, quasi todos os tedescos que viviam em nossa patria. Alguns, porem, que ficaram cá, acabam de ser agora intimados pelo governo portuguez a dirigir-se aos campos de concentração os de idade militar, e a retirarem do paiz os de idade inferior ou superior aos usuaes limites, e as senhoras.

Entre as pessoas abrangidas por estas disposições contam-se algumas, que necessariamente tem de haver uma situação especialissima, como D. Carolina Michaëllis de Vasconcelos, a cujos trabalhos linguisticos tanto devemos, e familias inteiras que comquanto oriundas da Allemanha por seus ascendentes, tem denotado sobejamente preterem a nossa patria, á qual tem dado até o seu tributo de sangue.

A photographia reproduz scenas do exodo dos allemães, que esta singela nota relata como documento historico interessantissimo.



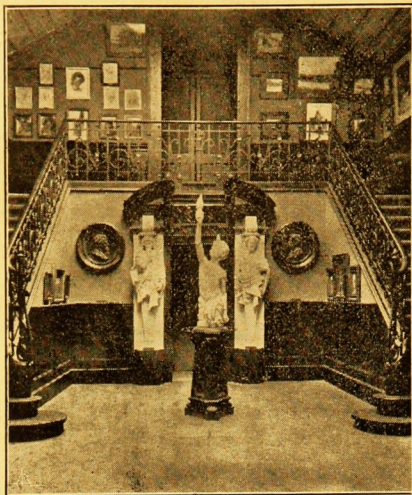
Exodo dos allemães—Allemães sahindo do Arsenal da Marinha



*Deus, oh! Deus! mandae á terra,
O desejado das nações...*

Quadro da 2.^a scena do *Auto do Natal*, representado no theatro da J. C. Boa Nova, das Bandeiras (Açôres) pelo grupo scenico da mesma sociedade, em a noite de 26 de Dezembro de 1915.

(Pht. do rev. F. Nunes da Rosa, V. das Bandeiras, Magdalena—Ilha do Pico)



Lisboa—Museu Nacional, Entrada



D. Maria Lucia Taveira Rebello Feio

Realizou-se na passada segunda feira, 10 do corrente, em casa da illustre familia Rebello Feio, d'esta cidade, uma encantadora festa commemorativa do 90.º anniversario da Exc.^{ma} Senhora D. Maria Lucia Taveira Rebello Feio, bondosissima senhora em quem abundam as mais preclaras virtudes christãs.

Pelas nove horas da manhã, na egreja da Penha, celebrou o rev. Padre Maciel, parcho de S. Victor, o Santo Sacrificio da Missa, durante o qual se fizeram ouvir, em formosissimos canticos, as Exc.^{mas} Senhoras D. Elvira Neves Pereira—poetisa de muito merecimento que por vezes tem honrado as paginas da *Il-lustração Catholica*,—e D. Maria Elisa Feio Cruz Vieira.

Pouco depois dava-se uma edificante scena que impressionou vivamente todos quantos a ella assistiram: a bondosissima velhinha approximava-se da Sagrada Meza rodeada de todos os seus filhos, genros, netos e bisnetos!

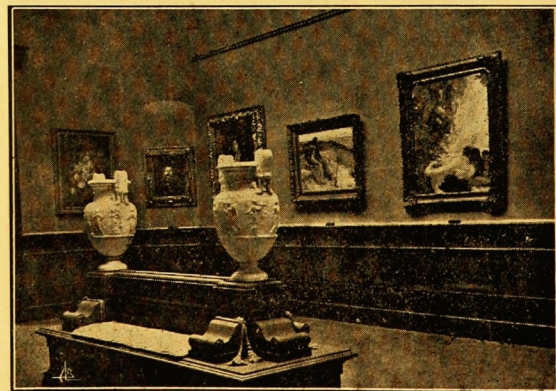
Depois de usar da palavra o reverendo celebrante, enaltecendo os dotes de espirito e as altas qualidades da homenagem, e fazendo realçar o valor da festa que n'esse dia se effectuava, seguiu-se, com toda a solemnidade, a Benção do Santissimo Sacramento.

A's sete horas realizou-se um esplendido jantar que decorreu sempre no meio da mais franca alegria, trocando-se ao *toast* os mais entusiasticos e calorosos brindes, todos salientando a bondade de tão santa e veneranda senhora e unanimes nos votos de se festejar, com igual brilhantismo, o seu centenario. Além das Exc.^{mas} Senhoras:

D. Virginia Feio Cruz Vieira e filhas, D. Maria Elisa e D. Maria Lucia, D. Catharina Feio Leite Reis, D. Rozalina Feio Calheiros de Miranda, D. Palmyra de Amorim Feio Valle e seus filhos Luiz,



Sala de Pintura



Outro aspecto da sala

Eugenio, Maria Fernanda e Maria Helena, D. Guiomar de Vilhena Prelada, D. Maria Braga, D. Anna Rodrigues e D. Elvira Neves Pereira; e dos Exc.^{mos} Senhores:

Antonio Leite de Oliveira Reis, Apparicio Alberto Calheiros de Miranda, Francisco Feio Valle, Domingos Fernandes Braga, Dr. José X. Pereira da Silva e Abbade de Priscos, todos residentes n'esta cidade vieram assistir. De Lisboa:—D. Francisca Feio Pimenta de Castro, D. Maria Engracia B. Pimenta de Castro, Conselheiro Dr. Manuel Pereira Pimenta de Castro, João Pereira Feio Pimenta de Castro, e Dr. Manuel Lourenço de Oliveira do Amaral. Do Porto:—D. Maria Amelia Feio de Castro e Lemos (Devezas), Dr. Victorino Teixeira Laranjeira, Jorge de Lemos (Devezas) e João Feio Leite Reis. De Vianna:—D. Guilhermina Ennes Feio, Bernardo Rebello Feio, D. Beatriz Feio, D. Zulmira Feio Ribeiro da Silva, Dr. Antonio Ribeiro da Silva e filhos Antonio, Maria da Conceição, Alice e José.

Seguiu-se uma animada *causerie*, fazendo-se bella musica e recitando-se lindissimos versos, até perto das duas da madrugada, hora a que terminou tão encantadora fes'a que a todos deixou as mais gratas impressões.

José Agostinho

OO

Poeta e crente, apostolo e soldado,
E' Primavera eterna que floresce:
Quanto mais verga o corpo, d'alquebrado,
Mais o espirito seu rejuvenesce,

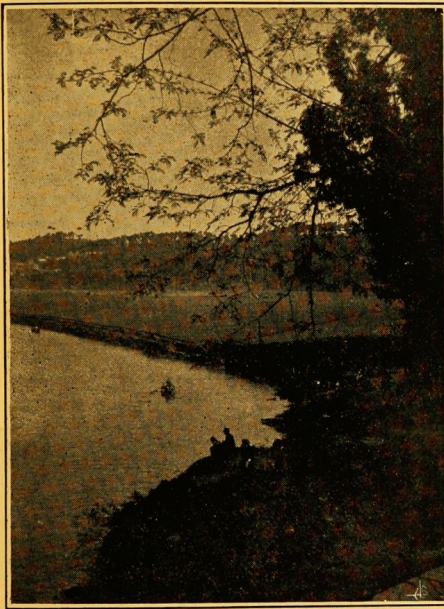
Que de terreno tem lá desbravado!
E que fecunda e luminosa mêsse
Colhido havemos do que tem semeado,
N'alma a Fé, e nos labios uma prece.

Combatente do Bem, Amor semeia.
Não destrõe: edifica e aformoseia.
Diffunde a Vida, não espalha a morte.

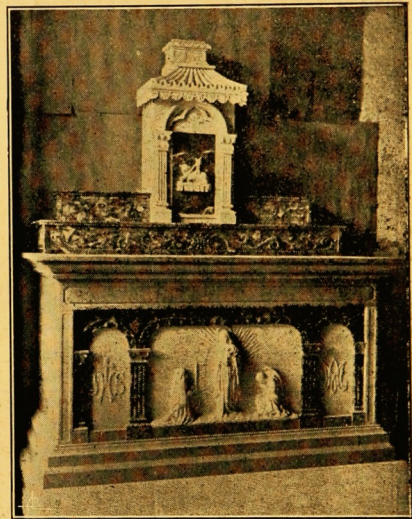
Se na Igreja, a lutar, o tendes visto,
Olhae: a espada é a Cruz, e Jesus Christo
E' o seu Mestre, o seu Rei, seu Alvo e Norte!

1 de Maio, 1916.

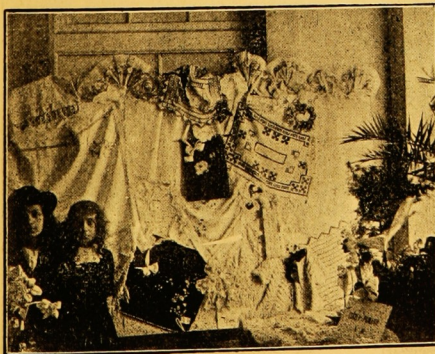
ANGELO JORGE.



Porto (Gaya). Margens do rio Douro—Logar de Quebranhões



Braga—Artístico altar de marmore executado na casa Teixeira, d'esta cidade, destinado ao capitalista Ex.^{mo} Snr. José da Rocha Painhas, da freguezia de Outeiro, Vianna do Castello

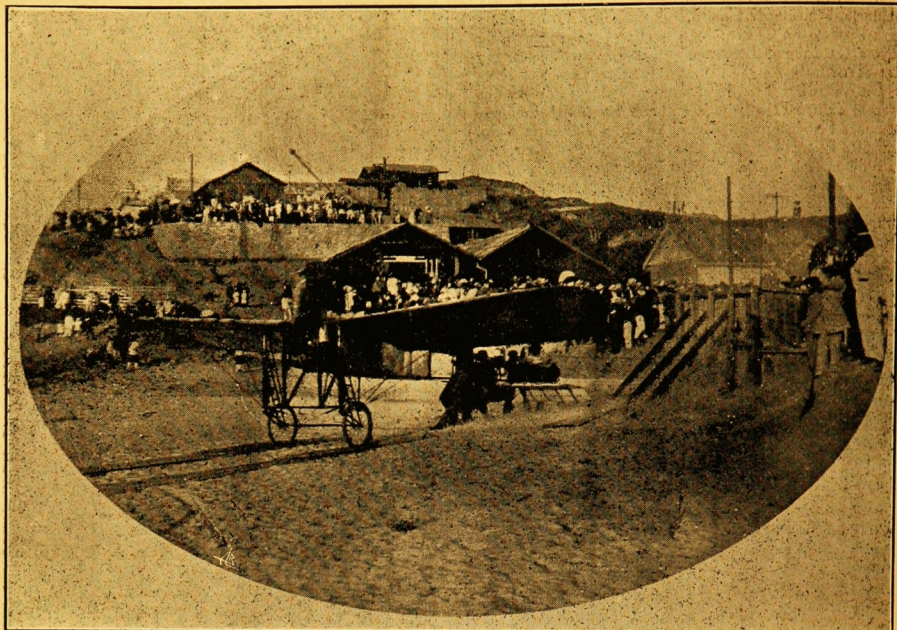


Lisboa—A Arte na escola. Exposição dos trabalhos da Escola Primaria n.º 41

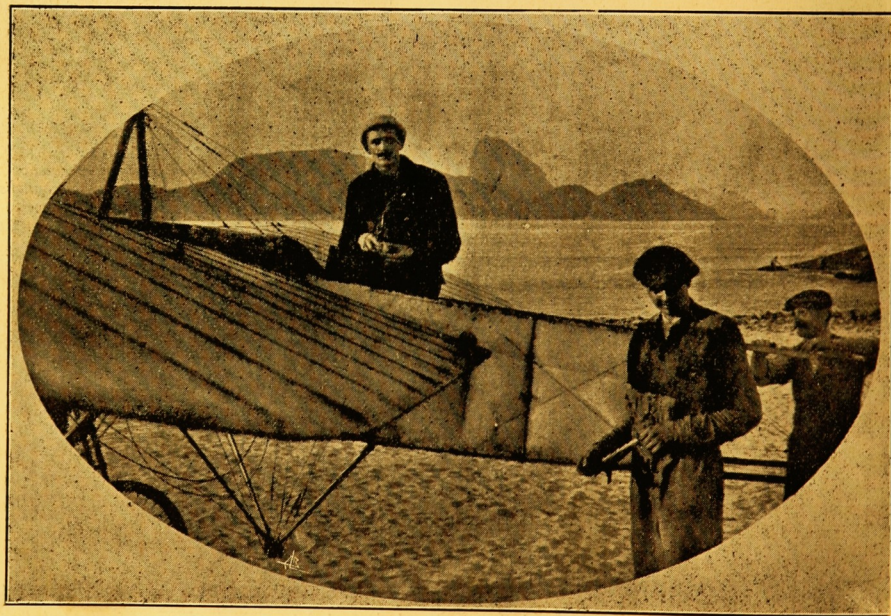


Lisboa—A Arte na escola. A exposição dos trabalhos da Escola n.º 40

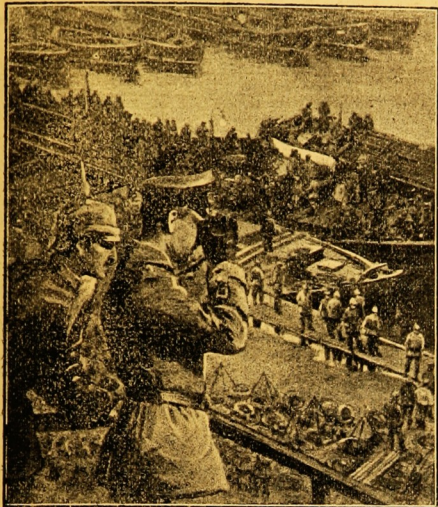
OS AEROPLANOS



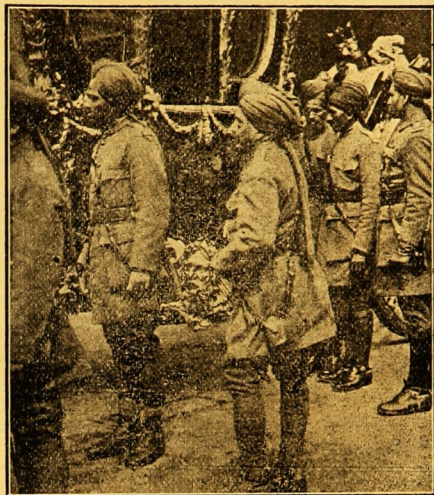
Rio de Janeiro (Brazil)—Um aviador experimentando o motor



Um aviador preparando o vôo



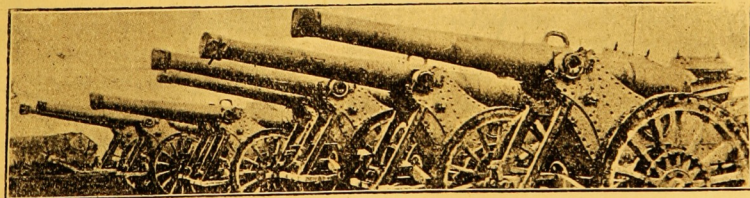
Perante as ameaças dos submarinos ingleses no Báltico, os alemães transportam por um canal tropas e munições.



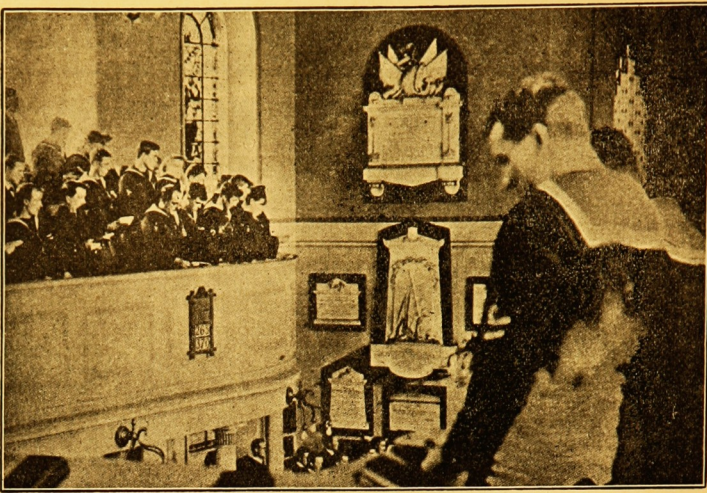
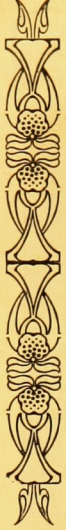
Jorge V na frente da batalha. Officiais de cavalaria indiana apreciando o coche de gala.



Os sapadores ingleses.—Mascaras usadas pelos ingleses para se defenderem dos gases asphixiantes.



Verdun.—Canhões de grosso calibre que estão na reserva



Soldados ingleses ouvindo missa n'uma igreja proximo do Arsenal



Valerio.
1912

*Quanto tempo deve um homem estudar uma mulher antes de casar com ella?
—Toda a vida, minha senhora!*

Uma conversão

POR JOSÉ AGOSTINHO.



ANHÃ d'oiro. O sol rompera, desaffrontado de brumas, poderoso e brilhante.

Na grande campina, escarlatizada pela luz e pela emergencia das papoilas, palpitava, com a vida triumphal dos seres, a serenidade d'um lago de esmeraldas finas.

A montanha, ao levante, alcandorava-se com aspecto de fortaleza e altar, mas, n'aquella manhã carinhosa, como que se adoçava, desaparecendo-lhe um tanto a altitude debaixo do velludo e pompa das verduras.

A pique, procurando uma garganta brusca, subia das veigas uma vereda espiralante, com agglutinados de rocha viva nas curvas mais bruscas.

E na especie de leito em que a vereda tinha longes de rio, a terra era queimada, secca, esteril, uma facha de tristeza lugubre posta como nodoa no esplendor do horizonte em festa.

Dor aquella vereda caminhava, extático com o sol esplendido, um homem e, quando perto da garganta abrupta, deteve-se como se o golpe feito na montanha espelhasse alguma dor profunda.

Parado alguns minutos, vacillou, monologou com intensa agitação, mas logo, parecendo calmar-se e resolver-se, sentou-se n'uma fraga, fitou o sol como quem pede á luz forças, e tomou a attitude de quem espera e se resigna.

Chocalhavam os rebanhos pelas escarpas, retouçando-se, lançando olhos avidos á campina immensa e luminosa. Os cantos e silvos dos pastores confundiam-se com os gorgeios das cariças e com os assobios dos melros.

Ouvia-se distinctamente a melodia d'uma fonte que gorgolejava no sopé da montanha, ferindo os echos da enorme bacia com a singular ternura d'um segredo benefico.

Era impossivel não se calmarem n'aquella

hora e á vista d'aquelle quadro, as nevroses mais agudas.

O homem, que se sentara e tranquillisara, subira com uma nevrose intensa que fóra diminuindo, a cada passo dado, com os effluvios da vegetação rica, com as brandas correntes da aragem que varria de leve as corollas orvalhadas.

Mas, depois de calmo, a luz forte do sol immobilisara-o a ponto de lhe dar longes da estatua. O calor vitalisante transformara-se em enervamento, e todo aquelle sér, narcotizado no corpo e extático de alma, chegou a parecer uma phantasia curiosa de escultor que expõe as suas obras primas ao ar livre, n'uma escarpa ou n'uma encruzilhada, n'um descampado ou n'uma vertente embalsamada.

Mas, pouco depois, descia do pincaro, em passo lento, fitando tudo com vagar e fixidez, outro homem.

E este, vendo o que estava sentado, encolheu os hombros, sorriu, cofiou as longas barbas negras, e continuou descendo. Depois, ao approximar-se mais do outro, estacou e gritou de repente:

—Boa pontualidade, cavalheiro!

E o interpellado, levantando-se logo, livido, nervoso, mas de olhos piedosos, volveu-lhe com firmeza:

—Nunca fui covarde, senhor!

O homem das barbas negras tomou uma attitude hirta e mysteriosa, como quem copia uma personagem de folhetim tenebroso.

O outro, branco e débil, ficou sereno e natural de gestos, nem forçando o sorriso de desdem e imperio, quasi de asco, nem dando ao olhar excessivos fluidos de hostilidade.

E houve o silencio da praxe, ameaçador e profundo, a oscillar entre o tragico e o burlesco. E mediram-se com o ar quixotesco de

quem se dá em espectáculo aos homens e aos tempos, um, o das longas barbas, mais artificial e ridiculo, e o outro menos affectado, vexado até por aquelle destaque de homem rixoso armando em cavalleiro do dever e da honra, archaico de formulas, conveniencias e mesmo paixões.

E seguiu-se um dialogo. Rompeu-o o das barbas longas, mastigando as palavras como um Achilles que temporariamente se torna Nestor e Salomão.

— Conhece todo o peso da sua injuria?

— Não da injuria, da imprudencia.

— Confessa, ao menos, que foi imprudente?

— Confesso.

— Vai então, por sua honra e vida, explicar-se... ou bater-se.

— Não me explico.

— Então bate-se.

— Não me bato.

— Mas bato-lhe eu.

— N'esse caso, defendo-me.

— E' singular. Defende-se e não se bate!

— E' como procedo com as feras.

— Sabe o senhor que a fera peor é o calumniador?

— Sei.

— Pois, n'esse caso, de nós dois não sou eu a fera.

— E muito menos eu. Não o calunniei. Faltei apenas á caridade christã, chamando-lhe hypocrita á porta da igreja. E' que o senhor alardeando tanta fé religiosa, tem evidentes entendimentos com os inimigos de Deus. O senhor, emfim, frequentando os sacramentos, trabalha á socapa pela Maçonaria e incita os homens das tabernas contra os curas d'almas da reião.

— Mente.

— Mas, se minto, desminto-me. Como vê, accedi em vir a esta hora aqui, não fugindo á responsabilidade da minha franqueza, ou precipitação, se quizer. Que me offerece, porém? Provas? Não: ameaças. Quer dizer, confessa involuntariamente, mas com nitidez, que é um traidor á santa causa que finge servir.

— Acabou?

— Não: comecei.

— Não o entendo.

— E' que o epilogo do que eu disse não pode ser bater-me comsigo, porque sou catholico, nem despreza-lo, nem odia-lo, nem pre-

segiu-lo, com a denuncia dos seus intentos, sei prevenidos já todos, nada periga a propagan-da da Fé.

— Que epilogo procura, pois?

— Um simples pedido.

— E se eu lh'o recusar?

— Abusará da minha lealdade.

— Diga sempre.

— E' simples. Peço-lhe que me diga: tem consciencia? Ao frequentar o templo, não sente a alma dilecerada pelos remorsos e pela vergonha? Não se sente um desgraçado ao notar que o Crucificado do altar tem para si um especial sorriso de lastima?

Com que paz intima fita os que engana e atraíçoa? Não vê dentro de si monstruosos abysmos que nenhuma luz é capaz de converter em planuras calmas?

Não soffre cada vez mais, de ancias, de invejas, de allucinações, de desesperos, de impetores morbidos e pungentes?

E' feliz, atraíçoando? E, se o é, que ventura lhe dá a traição depois de patente e fulminante? E assim, como pode fallar em brio, honra e justiça? Como se arvora em juiz, em paladino, em homem de bem?

— Respondo...

Mas o homem das barbas longas deixara pender a cabeça, singularmente confundido e vacillante, sentando-se com o olhar vago e baço, apertado por uma dyspnea que parecia subir-lhe do coração.

E o outro sentou-se tambem.

Depois irresistivelmente, tomou-lhe a mão direita, apertou-lh'a, baixou a voz em tom de confidencia e disse-lhe:

— Perdõe-me. Não quiz offendê-lo, quiz salvá-lo.

E continuou:

— Deve lembrar-se de ouvir no templo aquellas palavras do Divino Mestre; amae-vos uns aos outros, como eu vos amei!

— Sim...

E o homem das longas barbas erguia-se.

— Sim, mas Judas, o traidor, não entendeu essas palavras. E' que a traição não tem remedio, impelle, precipita e mata.

— Engana-se — voltou o outro, levantando-se tambem. A traição, a propria traição é adoravel penitencia, quando em vez do desespero sinistro, ha, como vejo nos seus olhos, enternecidas e copiosas lagrimas.

O sol ascendia magnifico,
Um enorme côro de avesinhas pareceu en-
fão repetir as orchestrações primaciaes dos
anjos.

Os dois abraçaram-se.

O traidor chorava e aquelle pranto era o
orvalho mais dôce das flores d'alma do outro.
Jesus Christo vencia. Judas dissipara-se como
uma phantasmagoria lugubre de Satan.



Orando



POR FRANCISCO SEQUEIRA.

Sobre o collo, ajoelhada,
Tem a mãe sua filhinha
Tam devota e quietinha . . .
Parece magnetisada.

Resa a mãe, em voz maguada,
Uma linda oraçãosinha:
Resa a mãe e a innocentinha
Repete a mesma toada.

São dois anjos a resar.
Aonde se ha de encontrar
Quadro mais encantador?

E' tam sublime e tam bello
Este quadro tam singelo . . .
Todo elle respira amor!



Padre Antonio Vieira



MAS, se o Capitão-mór disfarçou
mal a sua felonía, nem por isso
transigiu tanto que dêsse a Viei-
ra uma boa victoria.

O insigne Jesuita teve de resignar-se com
o pouco que lhe davam, reconhecendo que a
governança do Brazil estava nas mãos da am-
bição e da infamia. Pobres Indios! Os seus lo-
bos eram precisamente aquelles que se diziam
seus humanos pastores.

E' inenarravel o que aquella grande alma
então soffreu.

Não era só o horror d'uma corrupção ver-
gonhosa, avillante para Deus e para a Patria:
era como que a omnipotencia d'aquelles verda-
deiros sclerados que, longe dos poderes da côr-
te, zombavam das leis divinas e humanas.

A escravidão nas roças era a fonte de ri-
queza d'aquelles miseraveis que não queriam
nem sabiam trabalhar, derramando o proprio
suor. Porisso, os mortificava que os Indios não
frequentassem os sacramentos porque, além de
a doutrina christã lhes dignificar as almas, per-
diam nas devoções o tempo e assim não produ-
ziriam o descommunal trabalho com que se lo-
cupletavam os torpes despotas.

Mas oiçamos o proprio testemunho de An-
tonio Vieira.

Escreveu elle :

—Acrescenta-se a este trabalho commum
dos tabacos o das viagens às pescarias, cravo,
breu, estopa, fabrico de navios, em que esta-
vam ausentes de suas casas dois, e tres annos;
e talvez mandando-se as aldeias inteiras a tra-
balhar em engenhos, e fazendas de assucar, de
que tinham o lucro, os que governavam, e os
miseraveis Indios o trabalho, e a violencia (por-
que nenhum ia por sua vontade), e o damno de
todos os seus bens temporaes e espirituaes, sem
poderem lograr, nem elles, nem seus filhos, o
beneficio de Sacerdotes e Mestres que Deus e
S. Magestade lhes tinham mandado, succedendo
muitas vezes, que estando os ditos missionarios
com os Indios dispostos para se confessarem e
commungarem, com os cathecumenos instruidos
para receberem o Baptismo, e com os despachos
apregoados e aparelhados para se recebe-
rem; no meio de tudo isto chegava um Sargen-
to, ou cabo de Esquadra, com ordem do Capi-
tão-mór dos Principaes, ameaçando-os com pri-
sões e outros castigos, dando lhes muita panca-
da, sendo necessario (e sem o ser) para que os
Indios fossem a uma parte e as Indias a outra;
e assim se executava com lagrimas e clamores
dos miseraveis, ficando frustrado o trabalho
dos Missionarios e—o que mais é—o sangue
de Christo e a graça dos seus Sacramentos.

E' estupendo, como vêem o que diz Vieira,
e facil é derivar as consequencias de tanto hor-
ror.

(Continúa.)

JOSÉ AGOSTINHO

Anecdotas • historicas

Ditos • e • pensamentos



HENRIQUE IV de Castella, ao morrer em 1474, deixou por herdeira D. Joanna e pediu a D. Affonso V que casasse com ella, confiando-lhe o governo do reino. Dividiram-se as opiniões em Castella, uns por D. Joanna e, outros por D. Izabel. A batalha de Toro deu o reino a D. Izabel, e Affonso V, velho, gordo, derreado, correu a abrigar-se em Castro-Nuño e deitou-se a dormir em casa d'um fidalgo do logar, que se declarou por elle. A mulher d'este fidalgo apontando o rei fugitivo, deitado a resonar estrepitosamente, dez arrobas de banha n'um leito de castanho, disse ao marido:

—Olha lá por quem te perdeste!

Cavalheiro d'Assás

O capitão do regimento de Auvergne, d'Assás, estando no combate de Clotercamp aventurou-se de noite a descobrir o campo inimigo, mas com tão pouca sorte que em breve se viu cercado de baionetas e intimado a um absoluto silencio. O cavalheiro d'Assás, para quem a patria mais valia que a vida, gritou:

—Soldados de Auvergne, está aqui o inimigo!

Vinte baionetas trespassaram-lhe o corpo, mas o regimento de Auvergne, que de perto o seguia, acudiu e chacinou os inimigos, vingando a morte do seu heroico capitão.

Defeitos

Perguntaram a um romano se tinha algum defeito. Respondeu:

—O meu visinho que vo-lo diga.

Diogenes costumava dizer:

Os nossos inimigos são os nossos amigos, pois nos fazem conhecer os nossos defeitos,

Amabilidade franceza

A duqueza de Maine, achando-se rodeada das mais bellas damas da cõrte, perguntou a Fontenelle que differença havia entre ella e um relógio.

—Um relógio serve para lembrar as horas, e vós para as fazer esquecer.

Poema allemão

—Quaes são os grãos dos prazeres?

Um poeta allemão respondeu a esta pergunta escrevendo um poema, dizendo, em resumo, o seguinte:

—Quereis o prazer *d'um instante*? Bebei a agoa fresca se tiverdes sede. *Por alguns minutos*? Comei um bocado que vos agrade, vêde um bom cavallo que vos não pertença, um rosto engraçado, uma pintura famosa. *Por uma hora ou duas*? Assisti a um brilhante espectáculo, lêde um bom livro, executae uma orchestra, visitae uma senhora de pouca idade e formosa. *Por uma tarde*? Passae-a na companhia de poucos mas escolhidos amigos, de senhoras formosas e instruidas sem que pretendam inculcá-lo. *Por todo um dia*? Fazei uma boa acção ao levantar-vos da cama. *Por toda a semana*? Assisti às bodas d'um amigo. *Por seis mezes*? Comprae uma quinta ao lado da d'um amigo, semeae e fazei a vossa colheita, edificae alguma habitação agradável. *Por um anno*? Casae-vos por amor com uma mulher bonita. *Por dous annos*? Acerescenta aos teus bens uma fazenda onde haja gente a quem faças bem. *Por toda a vida*? Sêde virtuoso, gozae com moderação e vivei sempre occupado.

Oculos lisongeiros

Luiz XV, visitando os escriptorios do hospital de guerra de Versailles, reparou n'uns oculos que estavam sobre uma mesa.

—Vejamos se estes são como os meus.

E acavallou-os no nariz, pegando seguidamente n'um papel, que propositadamente ali tinham posto e era um rasgado elogio da sua pessoa. O rei largou os oculos, dizendo:

—Os meus são melhores, estes engrossam excessivamente os objectos.

• • •

Aquelle que fôr senhor de si proprio cedo o será dos outros.—*Homme de Cour.*

O homem soffredor deve ser preferido ao animoso e valente.—*Blanchard.*

TITO FLAVIO.